

HYSTERA e PHALLÓS

O claro-escuro dos caminhos de **Eros**

Intenção e essência do **Amor**

Clara Rossana Ferraro de Sá

Vários anos passaram-se desde o primeiro encontro. Acordei em êxtase! Sonhei que entrava num templo dourado, resplandecente! À direita, três enormes e largas colunas. Em frente, no final do salão, uma linda mulher, belíssima! Ela estava deitada sobre uma espreguiçadeira entalhada e folhada a ouro. Apoiava-se sobre o braço direito, enquanto o esquerdo acenava no ar. Seus cabelos entrelaçavam-se em joias inimagináveis. Vestia vermelho e dourado. O decote deixava os seios fartos à mostra, esperando por duas crianças pequeninas que vinham correndo ao seu encontro. Do outro lado das colunas, uma odalisca e a sombra de um príncipe encantado saindo pela coxia de um teatro. A beleza daquela cena invadiu minha alma.

Tocada pelo desejo, lancei-me na paixão pelo **Inconsciente**. Livros e livros alimentados pelo encantamento da iniciação abriram caminho para a tentativa de compreensão do **Inconsciente Coletivo** e seus **Arquétipos**.

Jung passou a espiritualizar minha vida e, nos estudos sobre mitologia, encontrei o significado daquele encontro. Eram **Afrodite**, **Eros** e **Anteros**, no templo do Amor, sustentado pelas colunas do **Belo**, do **Nobre** e do **Bom** que são qualidades a serem desenvolvidas pela alma em busca de purificação, dentro do seu ciclo de reencarnações.

Na celebração do Ser, do mundo e suas relações, tendo o amor como essência, constrói-se o caminho que conduz à Beleza em si, contida no Eterno. **Kallon Kai Agathon**, o Belo e o Bem, constituem a nobreza de Ser. Todos nós ansiamos por Amor, o bem supremo! Desejamos a plenitude.

Afrodite clama a criação de um Cosmo mito poético, fonte da Beleza em si. É a necessidade de Amor, do Encontro e da Resposta ao Amor. O tempo mítico é um tempo simbólico. Nessa perspectiva, o Olimpo está em todo lugar, e o Mito de Criação grego é o legado, a fonte da sabedoria ocidental.

A base para uma mitologia da **Criação** está na fascinação pelo mundo e em sua mais perfeita manifestação: o **Ser Humano**, em sua passagem pela existência terrena. Esse é o foco do pensamento e do imaginário gregos, uma fonte de sensibilidade e estética. Essa fonte exige uma completa liberdade de espírito, desprovida de qualquer forma de dogma ou proibição, bem como uma participação do indivíduo em uma comunidade de iguais e a fascinação pela beleza do mundo. (Jean Pierre Vernant)

Ao reconhecer à primazia da Imagem, **Jung** transporta-nos para o legado mítico produzido pelos sonhos coletivos, contados e recontados através do tempo. O amálgama que liga essas imagens, buscando coesão, é **Eros**, um princípio de ligação. O erótico enlaça, abraça o desconecto e une, em amor, a alma fugidia, carente de conhecimento, debatendo-se em sua mortalidade e desejanse de eternidade. Os arquétipos determinam padrões de relação intrapsíquicos que revelam os complexos de ordem afetiva, nos quais nos vemos enredados e sofremos a necessidade de repeti-los. Na repetição, vamos fazendo alma, reconectamos a história individual à história coletiva e sentimo-nos verdadeiramente humanos.

Segundo [Campbell \(1988\)](#),

...os mitos antigos foram concebidos para harmonizar mente e corpo. A mente pode divagar por caminhos estranhos, querendo coisas que o corpo não quer. Os mitos e ritos eram meios de colocar a mente em acordo com o corpo, e o rumo da vida em acordo com o rumo apontado pela natureza. Uma imagem arquetípica tem o poder de orientar-nos, trazendo o conhecimento acumulado na memória coletiva sobre as

experiências da alma e os processos que ocorrem na psique objetiva.

Reimaginar, remitologizar, recontar são necessidades constantes do fazer Alma. Para **Hesíodo**, antes de tudo, existiu o **Abismo**, que designa aquilo que é sem fundo, o mundo das profundezas ou das alturas indefinidas.

O **Eros** primordial nasceu do **Caos**, o **Abismo insondável**, juntamente com **Gaia** e **Tártaro**. Como princípio cósmico, Eros é a força de coesão, o princípio de ligação. Eros gera o arquétipo do Amor personificado pela **Afrodite Oceânica**. Ela nasce nas águas, da espuma do mar. Um borbulhar do esperma de **Urano**. Água e sal, ritmo. O envoltório que a conteve eram os órgãos genitais do pai, caídos, ceifados para o mar, grande matriz da vida, da fertilidade.

A sexualidade compulsiva e brutal de **Urano** que impedia a criação de ocupar seu lugar no **Cosmo** foi interdita por **Cronos**, o arquétipo do Tempo. Ele tirou-a da eternidade. Em sua origem, Afrodite conhece a divisão dos opostos, sendo ela mesma a deusa que revitaliza os opostos, favorece a união, conhece os segredos da fluidez, dos movimentos do mar, o vai-vem das ondas, similar aos jogos de amor, à penetração fertilizante. Essa é a Afrodite Oceânica, arcaica, que percorre todo o corpo, nossa água de amor, nossa energia corpórea. Ela é a deusa da umidade, da sensualidade, do desejo e do prazer. Cada célula é percorrida na fluidez afrodisíaca. Seu vermelho encanta por dentro, brinca com nossa alegria de sentir.

As emoções circulam, dançam sua dança da eterna beleza do Ser. Ser vivo. **Memória íntima do Ser. O instante eterno do Amor!** Afrodite tem o poder de transmutar o prazer sexual em êxtase e, como deusa alquímica, portadora das grandes transformações da personalidade, participa dos mistérios da transmutação do instintivo em espiritual, do vermelho do sangue ao azul da **Unio Mentalis**, religando todo o ser em luz. Divino êxtase, revitalizador.

Nos caminhos de Eros, como filho de Afrodite, obediente aos seus desígnios, ele é o eterno impulso relacional em busca de realização. Aspira

plenitude. Rege as **metamorfoses** da Alma. Ele é o desejo ardente, o fogo e a vida. É o impulso para as relações. Como potências primordiais, caracterizam-se pelos excessos, pela paixão desmedida. A vaidade e a beleza divina de Afrodite permitem a inconsequência e a malícia do arrebatamento de Eros, livre e belo.

Formam o númen do Amor, que seduz e prende os simples mortais; submete-os e cega-os; enfeitiça e desorganiza. São as forças irracionais que possuem uma finalidade transcendente e só se revelam à Psique que se submeter e cumprir as tarefas necessárias. A recompensa exige a entrega total.

Afrodite humaniza-se através de Eros e nasce na Alma pela submissão de Psique.

A beleza suprema do Amor e sua relação com a Psique Individual são o legado mítico de Eros e Psique; o Amor na alma individual que sofre diante da morte e seu desejo de imortalizar-se.

Aceitar e suportar seu próprio destino é a base necessária para o desenvolvimento do Amor.

No contato íntimo consigo mesmo, na Alma, campo da experiência do Ser e sua finitude, fundamenta-se a possibilidade do encontro com o outro Ser.

Na **Psicologia Analítica**, recupera-se o campo do simbólico com a finalidade de religar a psique individual aos seus padrões coletivos, restituindo o significado perdido. A ideia de profundidade sugere que a imaginação primária consiste em ver o particular, de alguma maneira, incorporando e expressando um significado mais universal. Na medida em que se adentram as imagens, encontra-se uma forma básica, primordial, arquetípica.

No Cosmo Grego, percorremos os padrões de desdobramento das forças arquetípicas para a humanização do Amor num corpo divinizado, sacralizado pelo êxtase. Porém, no desdobramento histórico da consciência humana, o tempo mítico transforma-se em tempo linear, materializa-se em conquistas que institucionalizam o desejo, escravizam o corpo. O herói mítico transforma-se no Cavaleiro que, sob o

signo da espada, vence as forças da natureza, descorporificando-a, desvitalizando-a, abstraindo-a.

No processo de purificação em direção ao supremo Bem, Eros transforma-se em **Philia**, amizade, um caminho natural rumo à Beleza e à Sabedoria. Porém, Eros, sob o domínio do Estado e da Igreja, subverte-se na possessividade. O complexo do Grande Inquisidor e do Tirano controlam cada detalhe de espontaneidade, mecanizando-a, tirando-lhe a vida.

Neste terceiro milênio, a alma individual está sendo desafiada na plenitude de sua criatividade. O ser humano, como a mais sublime das manifestações da natureza, está em perigo de extinção. Cego em seu racionalismo, esgota-se em cisões que trazem o pânico do aniquilamento. A alma dilacera-se em compulsões e ignora o caminho de retorno a si mesma. Em meio ao caos, o desejo de amar descontrola-se nas paixões, querendo satisfação eterna.

Faz-se necessário refletir sobre o feminino, identificado com o Patriarcado que aprendeu a exigir guerreiros, a usar palavras afiadas e desafiantes, que incitam a força combativa e fazem-nos perder o respeito ao Ser, para sermos arrebatados pelas conquistas. A alma deseja a relação amorosa, mas a alma possuída pelo tirano deseja, passivamente, ser amada e entrega-se à morte. Não deseja, mas é desejada. Posse e abandono pervertem Eros, produzem agressão, potência de combate, e a espera passiva pelo amor inatingível traduz-se em insaciabilidade.

Atualmente, vivemos o excesso das manifestações das forças no padrão patriarcal e somos impelidos pela necessidade de encontrar um novo caminho que equilibre essas forças que chegaram num ponto de cisão. A raiva acumulada nos anos de isolamento do Ser, rejeição e ausência, invade violentamente, vingando-se da nulidade, rouba-lhe o discernimento.

Apresenta-se a possibilidade de **explosão**. Aniquilamento pela fissura nuclear ou metamorfose? Dois imaginários em oposição ecoam, e o ser humano grita pela possibilidade de metamorfosear-se a partir da integração do corpo e seu tempo cíclico, um retorno ao feminino regenerador da vida.

A integração da sacralidade do corpo tornou-se uma necessidade racional. O racionalismo patologizante das funções do instinto perdeu o foco principal gerador de vida: a consciência do Sacro, o centro de confluência das forças, gerador e renovador de energia.

Metamorfosear-se, passar de uma forma à outra, gerar imagens que criem uma paisagem reflexiva, imagens sensuais num corpo sacralizado. Faz-se necessário reimaginar o Sacro, espaço corporal onde acontece a distribuição das forças inferiores e superiores; nele, localiza-se o centro corporal, o equilíbrio para o movimento e as transformações das tensões em Ação, qualidade do instinto. O segredo das potências das forças geradoras do Novo, nos seus polos instintivo e espiritual estão abrigados pela estrutura do Sacro.

Uma consciência sensorial, visceral, reafirma o domínio da personalidade, pois coloca a sexualidade no campo da ética. Torna-se um compromisso com a vida; convida o anseio da alma para a beleza e a magia de Eros.

O desejo quer se tornar consciente para livrar a alma da angústia existencial de uma vida vivida sem Amor, sem fidelidade a si mesma. O retorno do Ser Estético e sua relação com o Ser Ético promovem o novo Ser Espiritual, que é capaz de unificar-se e retornar ao campo do Amor.

O homem estético, sensual, é um sedutor que se alimenta das imagens. O apelo dos sentidos desperta as imagens. As imagens tornam o Eros visível, a Alma viva, Psique; a Psique da imagem, a vitalidade do instinto, o instinto dentro da imagem.

Na história do Ocidente, observa-se a fuga da imagem por medo de seu poder. A tendência à abstração, ao olhar distante, delibera e determina. Subjuga o sensual, subtraindo-lhe o Encanto, matando a Beleza. No entanto, o estado fluído de Eros, fonte de ligação, é dotado de intenção. Ele guia a saída do isolamento no mundo Ideal para uma nova forma de comunicação. O silêncio da solidão da alma moderna pode voltar a imaginar e encontrar o mistério do renascimento da vida, descrito nos Mitos, o movimento cíclico de renovação, reconhecendo os deuses, os padrões adormecidos na caverna escura da Iniciação.

Os **Mistérios de Elêusis** guiam-nos nessa descida ao desconhecido. Eram o culto mais democrático na antiga Grécia. Todos podiam ser iniciados desde que falassem o idioma grego, para que pudessem compreender e repetir certas fórmulas secretas, não tivessem as mãos manchadas de sangue e nem fossem réus de impureza sacrílega. No último dia do culto, consagrado à Eoptéia, à visão suprema, à consumação dos mistérios, a grande cerimônia iniciava-se com o **Hieròsgamos**, o casamento sagrado, material ou simbolicamente consumado pelo **Hierofante** e a sacerdotisa de **Deméter** (numa câmara subterrânea mergulhada nas trevas); os iniciados olhavam: para o céu - “chova”, para a terra - “conceba”. No final, o **Hierofante** apresentava à multidão, mergulhada em profundo silêncio, uma espiga de trigo. A significação religiosa da espiga de trigo reside no sentimento natural de uma harmonia entre a existência humana e a vida vegetal, a terra, a qual sozinha tudo gera, nutre e recebe de volta. Morrendo no seio da terra, os grãos de trigo, por sua própria dissolução, configuram uma promessa de novas espigas: **a morte fértil**.

Os Mistérios celebravam o casamento sagrado de Zeus e Deméter ou seu desdobramento nas profundezas de Hades e Perséfone. Em sua celebração, o Sacerdote descia em uma caverna, onde permanecia por um tempo; ao retornar, todos estavam cercados por tochas, e o sacerdote exclamava: “O Brimo divino deu à luz a criança sagrada Brimos; o forte gerou a força” (Brimo, Ob-Rimon: a deusa da serpente sublime).

Catábase, descida ao interior do **Hystera**, o útero úmido, protegido e fértil que recebe a semente de luz, código divino da nova vida. Um encontro do espírito na matéria opaca e sem vida proporciona a *Anábase*, a subida, o princípio de ascensão espiritual, o **Phallós** e a reconexão com o sagrado, eternizado no Amor, misterioso elixir alquímico que tudo transforma em unidade.

Hystera e Phallós. O redondo e o cilíndrico, formas primordiais, essência da união mística, trazem em si as possibilidades de renovação. O Feminino em si, potência de conter, tem no Hystera-Antron-Útero o receptáculo da Criação, capaz de conter o espírito de luz, *lúmen naturae*, centelha divina. Na qualidade da espera, deixar formar o novo; proteger para transformar; acolher a verticalidade cansada de descer e impulsioná-la para sua ascense. O escuro opaco é preenchido e eleva-se,

expandindo-se em luz. Do outro lado, o Masculino em si, potência plena de sentido, movimento de significar e diferenciar, verticalizar a Criação. O Phallós, ação de elevar, espiritualizar, compõe o *fascinum erectum*. O mistério da vida jorra no êxtase das possibilidades contidas nessas formas primordiais.

Segundo Taylor (citado por WRIGHT, 2004, p. 90), baseado em Platão, o mito de Deméter representa a evolução da parte de auto avaliação de nossa natureza, a que denominamos intelecto, e Perséfone é aquela parte vital e animada que chamamos Alma. Plutão significa a natureza material. Assim, a caverna simboliza a entrada da Alma num corpo terrestre. Seria a deserção de uma vida guiada completamente pelo intelecto, representado pela separação de Deméter e Core/Perséfone.

A transformação do corpóreo em espírito, em pneuma, configura a desliteralização; a matéria bruta e opaca, ausente de sentido, transforma-se, muda de forma, ganha consciência.

Eros, como conhecimento, faz-nos retornar aos ciclos femininos. O Eros Dionisíaco, participante dos mistérios, abre as portas para o conhecimento do Outro; ensina a receber o diverso sem destruí-lo; celebra tanto o masculino, quanto o feminino. Dioniso anseia pela compreensão do diverso. A diferença deve ser integrada, o erro, a imperfeição.

Na incompletude, busco aperfeiçoamento através do Outro e aprendo a respeitá-lo, a celebrá-lo como coparticipante do mistério da vida. Quanto mais conhecemos o Outro, mais nos transformamos. É ele próprio, o ser humano, que necessita refletir sobre sua humanidade entrelaçada em sua individualidade.

Em plena transição, estamos recuperando o campo dionisíaco das emoções e sua função de transformação. Aqueles que aceitam o desafio e engajam-se nos caminhos do Eros Dionisíaco, recebem a recompensa da revitalização. Aqueles que resistem e insistem no racionalismo recebem toda a gama de distúrbios

psicossomáticos que o complexo destrutivo possa valer-se na intenção de provocar a transformação. Dioniso quer transformação, e aqueles que se opõem encontram sua ira destrutiva.

No processo de transformação, as emoções reprimidas, destituídas de valor, entendidas como negativas e prejudiciais são revisitadas em seu significado alquímico. No corpo, como um vaso alquímico, um *Hystera*, as sensações passam para o campo dos sentimentos. A raiva sadia descasca a inércia da preguiça, desnuda a essência! É fogo ativo, correndo em liberdade; ele quer forjar a beleza, a expressão em si, ausente de significado. Ele move, empurra a tristeza para todos os lados, quer a luxúria da floração, vingando a depressão constricta, o descaso do criativo falo potente de luz, *Phallòs*.

Necessitamos transformar a dor da repressão, desatando os nós da raiva da essência feminina queimada na fogueira e recuperar o gozo no prazer, e não na dor de negar a si mesma. Sair do abandono, sentir o impulso, deixar-se erotizar para a vida, recuperar o dragão energético vindo do pântano, da umidade, do húmus da própria terra. Descer. Retornar ao toque; suave encontro com o sensível. É o retorno ao escuro, à noite geradora, às paredes do útero com seu poder de agarrar a vida nova que está sendo gerada. Função central do poder do amor.

A esfera religiosa feminina, a sensualidade receptiva da caverna da iniciação busca, no instinto, a fonte para a plenitude do ser, deixando fluir para o alto a potência da vida nova. A liberdade do ser é feita do claro-escuro, nuances dos opostos, entre as alturas e as profundezas que dançam o fio da vida. Na solidão, a forja da agressão inútil. O recolhimento ético deixa crescer as mãos que acolhem e acariciam em beleza tudo que tocam. Enraízam a certeza.

Tocar o intocável, a vida indestrutível, o princípio de Dioniso. Fermentação e renovação do Ser pelo Ser! O ser humano amoroso pede passagem; é a obra de arte! O estado de unidade no espírito e o estado de multiplicidade na alma, integrados e vivenciados no corpo, templo do mistério do ser, constituem o processo de redenção da matéria: Sofia.

Essa infusão de uma consciência feminina como receptáculo de um espírito transcendente, compreendido como a luz masculina, conquistando, em sua ascensão aos céus, as forças da escuridão, transforma tais forças em Alma. O resultado é um realinhamento da energia masculina em uma parceria com o feminino consciente. Dessa forma, o trabalho do fazer alma não só entra em foco, mas suas dinâmicas são confirmadas triunfalmente como o próprio solo da atividade criativa (WOODMAN, 2006, p.42).

Hystera e Phallós, em parceria. Alteridade possível. Um corpo individual consciente; um corpo coletivo consciente. Consciente das diferenças, consciente das igualdades, cuja meta é a plena manifestação do espírito.

Referências

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. Entrevista a Bill Moyers. NY: Multimídia LOG-ON / Cultura Marcas, 1988. 1 DVD.

WOODMAN, M. **A feminilidade consciente**. São Paulo: Paulus, 2003.

WRIGHT, D. **Os ritos e mistérios de Eleusis**. São Paulo: Madras, 2004.

Obras Consultadas

BRANDÃO, J. de S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. vol. I, II e III.

_____. **Dicionário mítico etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1991. vol. I e II.

CAMPBELL, J. **As máscaras de deus**. São Paulo: Palas Athena, 1998. vol. I, II e III.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1994.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ELIADE, M. **Il sacro e il profano**. Torino: Bollati Boringhieri, 1992.

HILLMAN, J. **O mito da análise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MAFFESOLI, M. **A parte do diabo**. Resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2002.

NEUMANN, E. **O medo do feminino**. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. **Amor e Psique**. São Paulo: Cultrix, 1995.

ROUGEMONT, D. de. **História do amor no ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2002.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do belo**. São Paulo: UNESP, 2001.

WOODMAN, M. **A feminilidade consciente**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **O noivo devastado**. São Paulo: Paulus, 2006.

